

A representação social na telenovela: questões de gênero e raça em *O Tempo Não Para*¹

Kassandra Naely Santos POOCH²
Gabriela Machado Ramos de ALMEIDA³
Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS

RESUMO

O presente artigo aborda a representação da mulher negra na telenovela *O Tempo Não Para*, produzida pela Rede Globo de Televisão e exibida entre julho de 2018 e janeiro de 2019. O objetivo é relacionar os discursos e representações produzidos pela novela com determinadas demandas presentes na agenda de movimentos sociais no Brasil contemporâneo, especialmente o feminismo e o movimento negro, a partir de algumas das personagens retratadas e dos discursos feministas e antirracistas pautados pela narrativa. Parte-se da premissa de que, ao mostrar uma família que foi “congelada” no tempo e saltou do Brasil do século XIX para o século XXI, a novela produz uma alegoria sobre a manutenção de formas de pensamentos racista e sexista que ainda persistem no país, apesar da passagem dos séculos.

PALAVRAS-CHAVE: Representação Social; Telenovela; Gênero; Raça.

1 INTRODUÇÃO

Os textos da cultura da mídia, para Kellner (2001, p. 13), “são produções complexas que incorporam discursos sociais e políticos cuja análise e interpretação exigem métodos de leitura e crítica capazes de articular sua inserção na economia política”. Os ‘textos’ que o autor se refere são os conteúdos veiculados pelos meios de comunicação de massa que, segundo Kellner, não são entretenimento puro e inocente, mas produções que trazem ao público discursos sociais e políticos. No caso do presente artigo, os textos são as telenovelas, que narram e fazem críticas acerca da realidade social do país.

A teledramaturgia é um dos principais espaços para retratar e discutir fatores que são centrais na sociedade. Segundo Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2002, p. 10),

¹ Trabalho apresentado na IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Aluna do curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), e-mail: kassandranaely@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Bacharelado em Jornalismo da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), e-mail: gabriela.mralmeida@gmail.com.

esse produto midiático é “um dos mais importantes e amplos espaços de problematização do Brasil”, indo da intimidade privada aos problemas sociais. Para discutir as questões abordadas neste estudo, será utilizada a novela *O Tempo Não Para*. A trama, de autoria de Mario Teixeira, foi veiculada pela Rede Globo de Televisão entre 31 de julho de 2018 a 28 de janeiro de 2019, totalizando 156 episódios.

A narrativa se inicia no século XIX. O enredo gira em torno de uma família que fica “congelada” (fisicamente e no tempo) após naufragar durante um cruzeiro pela Patagônia em 1886. Depois de passados 132 anos, o bloco de gelo vai parar no Guarujá (SP), onde os membros do clã são resgatados. É importante ressaltar que apesar de ser ficcional, com algumas situações engraçadas, a narrativa procura enfatizar e problematizar a desigualdade que as minorias sofrem, dando seriedade à história, apesar da leveza inerente ao próprio fato de a narrativa envolver aspectos fantásticos como um grupo de pessoas congeladas num bloco de gelo por mais de um século.

A trama mostra uma família que era proprietária de metade de São Paulo, e também seus agregados. O chefe da família é Dom Sabino, marido da tradicionalista Agustina e pai de Marocas, Nico e Kiki. O grupo se completa com a preceptora Miss Celine, o guarda-livros Teófilo e os escravos Damásia, Cesária, Cairu, Menelau e Cecílio. Eles chegam ao século XXI e precisam se adaptar às leis e regras sociais atuais. Os negros que eram escravos se deparam com a liberdade que não tinham, porém também encontram a desigualdade que continua presente os dias de hoje.

A novela destaca o machismo e o racismo que as mulheres sofrem historicamente, tanto as que estavam no século retrasado e precisam se adaptar, quanto as mulheres do presente. Portanto, por meio da narrativa as cenas abordam o preconceito racial e de gênero. A trama traz reflexões sobre o que mudou nos últimos séculos e o que ainda precisa melhorar, na visão de personagens centrais.

Neste estudo será analisada mais detidamente a representação da mulher negra. Portanto, o machismo e o racismo serão os principais fatores da discussão do presente trabalho. Segundo Silva (2003, p. 90), “A representação expressa-se por meio de uma pintura, de uma fotografia, de um filme, de um texto, de uma expressão oral”, neste caso a representação acontece por meio de imagens e movimentos e sons que são os recursos agenciados para a produção do discurso final da telenovela. Hall (2016, p. 31) explica que “Representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre

o mundo ou representá-lo a outras pessoas”. Nos produtos midiáticos são representados diversos fatores através da linguagem verbal e imagética.

Parte-se do pressuposto, aqui, de que a novela busca produzir uma alegoria da mentalidade da elite brasileira a partir dessa família de muitas posses do século XIX, que fica presa no tempo e, 132 anos depois, precisa viver no presente, porém resiste às mudanças sociais e históricas que vêm acontecendo, especialmente no que diz respeito aos direitos dos grupos minoritários.

Como processo metodológico da pesquisa, serão identificadas determinadas cenas em que as personagens enfrentam o machismo e o racismo e cenas em que elas problematizam essa condição. Serão apresentadas cenas que retratam o país: tanto com a representação de personagens que igualam o século retrasado ao tempo presente, destacando como a discriminação de raça e gênero continua nítida, como também com a representação de personagens do tempo presente, mostrando como ainda é preciso enfrentar o preconceito de forma severa. Para isso, são utilizados os autores Stuart Hall e Douglas Kellner para discutir o conceito de representação e suas implicações políticas e sociais e também as autoras Maria Immacolata Vassalo de Lopes e Maria Carmem Jacob de Souza, para discutir o processo de representação social nas telenovelas. Também constitui o horizonte teórico da pesquisa a autora Angela Davis, com suas contribuições para o debate sobre a intersecção entre gênero e raça.

Para os autores Ana Claudia Neves Silva, Passos e Freitas (2018, p. 5), os discursos propagados por produções em massa promovem discussões que levam ao fortalecimento dos movimentos sociais, como os movimentos de igualdade racial e de gênero: “As telas refletem o protagonismo e dão às novelas, séries e filmes, personagens que oferecem ao público identificação”.

2 REPRESENTAÇÃO

Representação é o ato de representar, o que, segundo Hall (2016), significa utilizar a linguagem para expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas. Desta forma, a linguagem é o meio pelo qual acontece a representação, “o meio privilegiado pelo qual ‘damos sentido’ às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado” (HALL, 2016, p. 17). Representação é a produção de sentido pela linguagem, ou seja, “É a conexão entre conceitos e linguagem que permite nos referirmos ao mundo ‘real’ dos

objetos, sujeitos ou acontecimentos, ou ao mundo imaginário de objetos, sujeitos e acontecimentos fictícios” (HALL, 2016, p. 34). A junção da produção da narrativa e da exibição de um produto como a telenovela leva as questões sociais próprias de um tempo/lugar a serem representadas em produtos da indústria cultural. Assim, parte-se do princípio de que a representação está vinculada a uma responsabilidade social.

Como já foi mostrado na introdução, a representação se expressa por meio de produtos da indústria cultural como a pintura, fotografia, filme, texto, expressão oral, (SILVA, 2003). No caso deste estudo, é por meio da narrativa na telenovela. Nos textos dos produtos midiáticos são representados diversos fatores através da linguagem verbal e imagética, e desta forma é necessário ter um olhar “crítico em relação às representações e aos discursos da mídia” (KELLNER, 2001, p. 425), pois “nunca antes tivemos tanta necessidade de um exame sério e minucioso da cultura contemporânea” (KELLNER, 2001, p. 32).

Hall (2016), em sua obra, utiliza o estudo de Michel Foucault sobre o discurso como ‘sistema de representação’ e afirma que “são os sistemas de significado pelos quais nós representamos o mundo para nós mesmos e os outros” (HALL, 2003, p. 169). Hall destaca que normalmente a representação é usada como um conceito linguístico e significa simplesmente trechos conectados, escritos ou falados. Mas para Foucault o que interessava eram pronunciamentos que proporcionavam uma linguagem com sentido e os discursos regulados em diferentes períodos históricos. Para Foucault o discurso é a produção do sentido pela linguagem.

Hall (2016, p. 11) apresenta ainda a representação “como um ato criativo, que se refere ao que as pessoas pensam sobre o mundo, sobre o que ‘são’ nesse mundo e que mundo é esse (...) transformando essas ‘representações’ em objeto de análise crítica e científica do ‘real’”. Nesse contexto, o autor via a representação com um teor político, como falaremos mais adiante. “Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura” (HALL, 2016, p. 31), sendo assim, essas representações, inseridas em um contexto, carregam significados que vão muito além do que é visto.

Silva (2003, p. 8) utiliza em sua obra a citação de Hall, “a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior”. Para Hall (2016, p. 25), representação está ligada a identidade e conhecimento, pois é difícil saber o significado de algo “fora do escopo em que nossos conceitos e imagens de identidade e

cultura nacionais foram representados”. Segundo o autor, a representação carrega significados que refletem o mundo e retrata problemas sociais que a sociedade consumidora carrega.

Kellner (2001, p. 32) diz que “as lutas concretas de cada sociedade são postas em cena nos textos da mídia, especialmente na mídia comercial da indústria cultural cujos textos devem repercutir as preocupações do povo, se quiserem ser populares e lucrativos”. Desta forma, o produto midiático precisa pensar na sociedade caso queira atingi-la. Assim, entramos no conceito de identificação “para explicar a forte ativação de desejos inconscientes relativamente a pessoas ou a imagens, fazendo com que seja possível nos vermos na imagem ou na personagem apresentada na tela” (Silva, 2003, p. 18). Essa identificação faz com que o telespectador usufrua do produto. Segundo Kellner (2001, p. 307), “a cultura da mídia põe à disposição imagens e figuras com as quais seu público possa identificar-se, imitando-as. Portanto, ela exerce importantes efeitos socializantes e culturais”.

A representação, vista por Hall com um teor político, como foi citada anteriormente, é retomada agora. A ‘representação política’ “em seu ato de representar, constitui não somente a identidade, mas a própria qualidade existencial, ou ‘realidade’ (ontologia), da comunidade política”, nesse contexto, “não ter voz ou não se ver representado pode significar nada menos que opressão existencial”, (HALL, 2016, p. 13). A representatividade é necessária tanto dos gêneros como das raças, pois o telespectador já está cansado da ‘paranoia masculina e branca’ que é evidente em todos os meios culturais (KELLNER, 2001).

Retomando o que já foi citado na introdução, “Os produtos da cultura da mídia, portanto, não são entretenimento inocente, mas têm cunho perfeitamente ideológico e vinculam-se à retórica, a lutas; a programas e a ações políticas” (KELLNER, 2001, p. 123). Neste sentido, é importante ressaltar que a representação na cultura da mídia pode proporcionar “o avanço dos interesses dos grupos oprimidos quando ataca coisas como as formas de segregação racial ou sexual, ou quando, pelo menos, as enfraquece com representações mais positivas de raça e sexo” (KELLNER, 2001, p. 13).

3 TELENOVELA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

A telenovela é uma das principais mídias utilizadas para representar as realidades sociais. Segundo Maria Carmem Jacob de Souza (2004, p. 193), “a telenovela de cunho social e político se diversifica e essa dimensão do realismo passou a ocupar espaços cada vez maiores no campo”, portanto, esse produto ficcional além de ser voltado ao lazer cumpre também uma responsabilidade social.

Conforme Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2002, p. 10), “a novela passou a ser um dos mais importantes e amplos espaços de problematização do Brasil, das intimidades privadas às políticas públicas”. A telenovela é um importante espaço para que as minorias sejam representadas: “a televisão está implicada na reprodução de representações que perpetuam diversos matizes de desigualdade e discriminação” (LOPES, 2002, p. 2). A representação social representa a sociedade, e também pode ser denominada popular, pois representa o povo. Segundo Maria Carmem Jacob de Souza (2004, p. 33):

Quando refletimos sobre o ato ou efeito da televisão representar grupos e indivíduos que ocupam posições sociais consideradas inferiores, subalternas, dominadas – como é o caso dos sentidos que a nomeação povo envolve –, estamos nos referindo às interfaces das representações de caráter sociais e subjetivas.

Assim, “representações sociais do popular tratam em geral de indivíduos, grupos ou classes sociais em posição de subalternidade, inferioridade, exclusão” (SOUZA, 2004, p. 50). Portanto, representar o popular é representar as minorias da sociedade. Por minorias, entende-se os grupos e as comunidades juridicamente vulneráveis, ou seja, são minorias qualitativas e não necessariamente quantitativas (SILVA e FREITAS, 2018). São os grupos considerados inferiorizados, que não tem voz na sociedade.

Muniz Sodré (2005, p. 11) utiliza Kant para explicar sobre menoridade e revelar a noção de minoria na sociedade atual: menoridade implica a impossibilidade de falar, “menor é aquele que não tem acesso à fala plena”. Desse modo, a questão das minorias está ligada ao sentido de não ter voz na sociedade, de buscar espaços para que os discursos mobilizadores sejam vistos socialmente. Sodré (2005, p. 12) ainda afirma que “são considerados minorias os negros, os homossexuais, as mulheres, os povos indígenas, os ambientalistas, os antineoliberalistas, etc.”

É através da representação na teledramaturgia que determinados grupos injustiçados têm tido mais visibilidade, mesmo com todas as ressalvas que possam ser

feitas às produções voltadas ao consumo massivo e ao fato de que a mesma cultura midiática que produz e reforça estereótipos eventualmente abre espaço para representações mais nuançadas e complexas. Segundo Maria Carmem Jacob de Souza (2004, p. 86), “o melodrama tem sido uma parábola moral que tem representado os injustiçados”.

A telenovela é um “importante recurso reflexivo que deve oferecer a todos os segmentos sociais que o consomem princípios morais ancorados no ‘bom senso’ e em ‘verdades’”, (SOUZA, 2004, p. 202). Portanto, essa produção ficcional deve ter representações sociais responsáveis sobre a realidade contemporânea, representando fatores sociais que necessitam de visibilidade, reflexão e discussão.

4 INTERSECÇÕES ENTRE GÊNERO E RAÇA

Nesta seção será discutida a interseccionalidade entre feminismo e antirracismo, refletindo sobre sexismo e racismo. Em sua obra de 1981 intitulada *Mulheres, raça e classe*, Angela Davis explica que “as mulheres negras eram iguais a seus companheiros na opressão que sofriam; (...) e resistiam à escravidão com o mesmo ardor que eles.” (DAVIS, 2016, p. 35), porém elas carregavam o peso de serem mulheres e “os castigos infligidos a elas ultrapassavam em intensidade aqueles impostos aos homens, uma vez que não eram apenas açoitadas e mutiladas, mas também estupradas” (DAVIS, 2016, p. 36).

Segundo Frederick Douglass, citado por Angela Davis (2016, p. 43), “Quando a verdadeira história da causa antiescravagista for escrita, as mulheres ocuparão um vasto espaço em suas páginas; porque a causa das pessoas escravas tem sido particularmente uma causa das mulheres”, pois além de terem sofrido mais que os homens, naquele tempo, ainda hoje sofrem preconceitos por serem negras e assédio diariamente por serem mulheres.

No século XIX, no turbulento período de luta por liberdade e por voto, as mulheres negras lutavam triplamente por seus direitos. Elas carregavam um peso muito maior por serem mulheres e negras; sofriam muito mais opressão e sofrimento que os homens negros que lutavam contra o racismo e do que as mulheres brancas que lutavam contra o sexismo. Ainda segundo Davis (2016, p. 169), as mulheres negras sofriam opressão triplamente, pois “toda desigualdade e limitação impostas à mulher branca estadunidense

são agravadas mil vezes entre as mulheres negras, triplamente exploradas – como negras, como trabalhadoras e como mulheres”.

Apesar dessa diferença entre as raças, já no século XIX as mulheres viram a importância em se unirem, pois a causa das mulheres só seria possível e completa se além de feministas fossem abolicionistas. As irmãs Sarah e Angelina Grimké, mulheres brancas, abolicionistas pioneiras

[...] foram as que estabeleceram de modo mais consistente a relação entre escravidão e opressão das mulheres. Desde o início de suas tumultuadas carreiras como oradoras, elas se viram obrigadas a defender o direito de, na condição de mulheres, lutar publicamente pela abolição – e, por consequência, a defender o direito de todas as mulheres de registrar em público sua oposição à escravidão. (DAVIS, 2016, p. 52).

As irmãs Grimké lutavam constantemente pela inclusão do tema dos direitos das mulheres e dos negros, pois elas afirmavam que as mulheres não alcançariam liberdade independente do povo negro. Segundo Davis, elas diziam: ““Enquanto ele [o negro] não tiver seus direitos, nós não teremos os nossos”” (DAVIS, Angela, 2016, p. 56).

Importante ressaltar que já naquela época, “enquanto as mulheres negras trabalhavam como cozinheiras, babás, camareiras e domésticas de todo tipo, as mulheres brancas do Sul rejeitavam unanimemente trabalhos dessa natureza” (DAVIS, 2016, p. 98). As mulheres negras precisavam lutar por sua liberdade e condições mínimas para viver. Essa diferença de luta fazia, e faz até hoje, com que as mulheres negras tivessem que lutar em dobro se comparadas às mulheres brancas. Por isso, a junção dessas lutas, desses movimentos, é fundamental para que o feminismo consiga a igualdade de gênero. Antes de o movimento conseguir a igualdade entre mulheres e homens é fundamental que no movimento haja sororidade e mulheres, sejam elas negras, brancas, ricas ou pobres, se tratem com igualdade e respeito.

5 MACHISMO E RACISMO

Chegamos agora à discussão que interessa mais especificamente ao presente estudo. O produto utilizado foi escolhido em decorrência da abordagem apresentada: a novela *O Tempo Não Para* mostra aspectos relevantes para a compreensão do machismo e do racismo neste gênero ficcional, com a presença de questões sociais sendo

representadas de forma nítida. Aqui será analisada a narrativa midiática construída sobre as mulheres na telenovela, com destaque para a representação das mulheres negras nas cenas e para os discursos da narrativa sobre o preconceito racial e de gênero.

Para compreender o contexto histórico no qual se insere a narrativa de *O Tempo Não Para*, basta analisarmos o Brasil contemporâneo. Apesar das mudanças que a novela apresenta do passado para os dias atuais, ela explicita como o país carrega marcas históricas de forma tão presente. Em seus capítulos, a novela retrata os temas centrais do estudo, que conseqüentemente são os temas recorrentes nos debates sociais, que é o preconceito de raça e gênero.

Ao longo da novela diversas situações são expostas ao público, apresentando casos de racismo e machismo que são presentes na sociedade. Essas fases, que dialogam com a nossa realidade, permitem ao público a identificação com o que é apresentado na narrativa.

A trama é protagonizada por Marocas, uma mulher branca e que atende aops padrões estéticos de beleza ocidental, e que vai de menina superprotegida pelos pais a empresária independente. Esse fator também ressalta que uma mulher branca, apesar de todo o machismo que precisa enfrentar, consegue com muito mais facilidade romper barreiras, do que uma mulher negra que precisa enfrentar também o racismo. A personagem é a protagonista da trama e possui destaque nas cenas analisadas, pois ela é a que mais discute os problemas sociais presentes na narrativa e na atualidade.

Além da personagem já citada, serão analisadas cenas que são protagonizadas por outras mulheres como Vanda, Paulina, Carmen, Miss Celine, Mariacarla, Belem, Cairu, Damásia, Mazé, Cesária e Waleska. Algumas das personagens não falam abertamente sobre os problemas sociais, mas são empoderadas e isso é destacado na trama.

A representação na novela e os discursos sobre machismo e racismo são, em grande parte, feitos por pessoas brancas, como é o caso da cena abaixo. Marocas foi a primeira personagem a chegar ao século XXI. Depois que seu pai acorda, Dom Sabino, ela conta sobre as novidades que já descobriu. A personagem mostrou ser feminista e abolicionista já no século retrasado, no primeiro capítulo da novela, ao se recusar a casar com o homem com quem seu pai obrigou e ao falar sobre seu desejo de que a escravidão fosse abolida.

Na cena abaixo, do capítulo 7, Dom Sabino e Marocas conversam sobre as mudanças que ocorreram do século retrasado para o atual, criticando as mudanças que

deveriam ter sido positivas e, no entanto não são tão distantes, apesar dos 130 anos que se passaram desde a abolição.

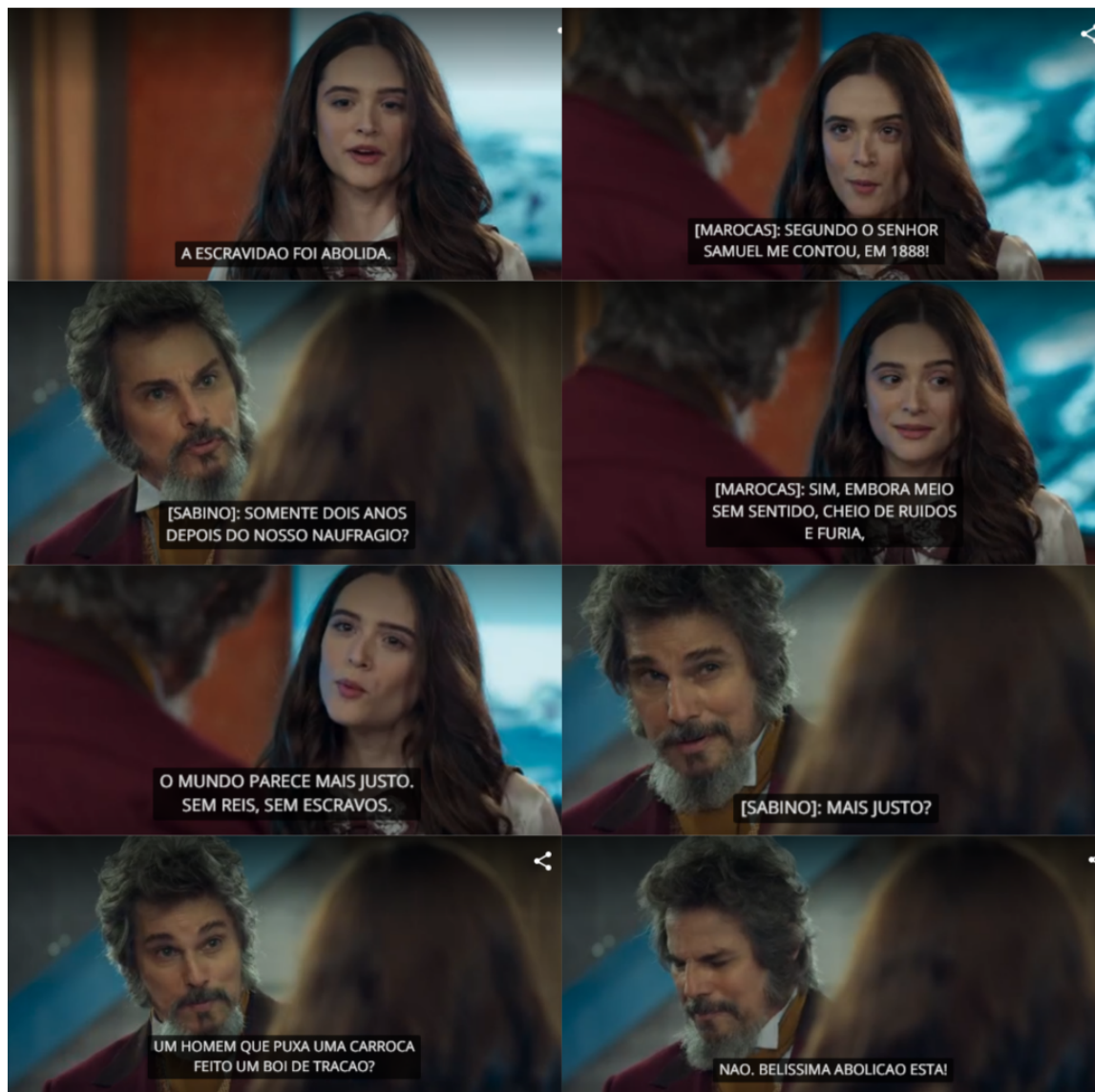


Figura 1: Capítulo 7 – veiculado no dia 07/08/2018.
Marocas conta a Dom Sabino sobre as mudanças do século XIX para o século XXI.

A personagem conta ao pai sobre os direitos que foram alcançados pelos negros e pelas mulheres. Ele se surpreende com a abolição, mas ressalta que ela não é tão positiva como deveria. Ao criticar, Dom Sabino conta sobre o que já presenciou de retrógrado no presente: ao chegar ao século XIX ele foi ajudado por Eliseu, homem negro que trabalhava como catador de lixo, e passou a ser seu amigo. Marocas também conta que as mulheres trabalham em cargos superiores aos homens e ele reage como a maioria dos

homens da atualidade, dizendo que mulheres deveriam ser mães e cuidar da casa. Já a personagem o ignora e continua contando sobre os direitos que as mulheres alcançaram.

Outra cena que mostra como o racismo é presente nos dias de hoje é do capítulo 70. Na cena abaixo estão Menelau, Damásia, e Cesária, que sofrem racismo em uma loja em que estavam com Miss Celine. Os personagens negros são ex-escravos; Damásia foi ama de leite de Marocas, Nico e Kiki e Miss Celine foi professora.



Figura 2: Capítulo 70 – veiculado no dia 19/10/2018.
Menelau, Damásia, e Cesária sofrem racismo em uma loja em que estavam com Miss Celine.

Damásia ficou rica após vender suas joias de crioula, que era o único patrimônio que conseguiu juntar quando escrava, trabalhando com vendas além de cuidar das meninas. Após recuperar seu dinheiro levou seus amigos e as meninas Niko e Kiki, que estavam acompanhadas de Miss Celine, para fazer compras. Na hora de pagar a funcionária da loja foi falar com a única mulher branca que estava com eles ao invés de esperar alguém ir até o caixa. Não é o único acontecimento de racismo da atualidade que a novela destaca, mas é uma das poucas cenas que são protagonizados por mulheres negras. Cenas como esta, em que Damásia avisa Miss Celine que pode se defender, são poucas, pois as mulheres negras não têm tanta visibilidade e voz de fala na novela.

6. CONSIDERAÇÕES

O presente artigo apresentou uma breve análise de cenas da novela *O Tempo Não Para* e constitui uma etapa inicial da pesquisa que ainda está em desenvolvimento como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo. O caminho percorrido até o momento permitiu observar que a abordagem das questões de gênero na novela acompanha demandas sociais do Brasil contemporâneo e apresenta uma mulher mais empoderada, que se lança dentre os desafios e colhe suas conquistas de direitos, que não se deixa abater em meio aos preconceitos de gênero social e que não é mais inferiorizada e sem controle sobre sua vida.

A protagonista Marocas é a prova disso. A trajetória da personagem reflete a representação de como a independência feminina toma forma e dá força às mulheres, impulsionando-as à luta por direitos e à valorização. É importante ressaltar que a cena analisada e a personagem são apenas um breve exemplo exposto aqui no estudo.

As representações de personagens femininas na dramaturgia apresentam mulheres mais decididas, que assumem a sua liberdade e escolhem não serem dependentes de relacionamentos amorosos, além de valorizarem as suas carreiras profissionais. As mulheres se tornam protagonistas de suas histórias. Apesar de a novela representar o empoderamento das mulheres com bastante afínco, ela não representa a mulher negra como poderia ter feito. A novela destaca o machismo e o racismo em diversos momentos, porém peca com as poucas cenas realmente protagonizadas por mulheres negras.

A força feminina é bem explícita na novela e as cenas protagonizadas por mulheres brancas são muitas, inclusive com discursos de igualdade, e criticando os atos

machistas. Mas quando se trata das mulheres negras, elas têm tantos fatores para resolver do racismo atual que as poucas cenas que protagonizam são de luta contra o racismo, tanto em ações como em discursos.

As mulheres negras não têm tanta visibilidade quando se trata dos discursos sobre igualdade, são as mulheres brancas que são vistas com esses discursos tanto de igualdade de gênero como de raça. Até em *O Tempo Não Para*, onde os discursos criticando a desigualdade de raça são presentes na narrativa, a mulher negra tem pouca visibilidade e voz de fala. E esse fator é tanto visível na novela como na realidade.

REFERÊNCIAS

- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Bauru: Edusc, 2001.
- DE LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **Narrativas Televisivas e Identidade Nacional: O Caso da Telenovela Brasileira**. 2002.
- SILVA, Ana Claudia Neves; PASSOS, Lucas da Silva Falcão; FREITAS, Ricardo Oliveira. **A representatividade feminina em séries: Uma breve análise sobre a personagem Miranda Bailey de Greys Anatomy**. XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2018.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- SODRÉ, Muniz. **Por um conceito de minoria**. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre. (Org.). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005.
- DE SOUZA, Maria Carmem Jacob. **Telenovela e Representação Social: Benedito Ruy Barbosa e a representação do popular na telenovela Renascer**. Editora E-papers, 2004.
- Novela disponível em:
<https://gshow.globo.com/novelas/o-tempo-nao-para/capitulos/todos-os-capitulos/>.